

Penélope da Silva Soriano de Almeida

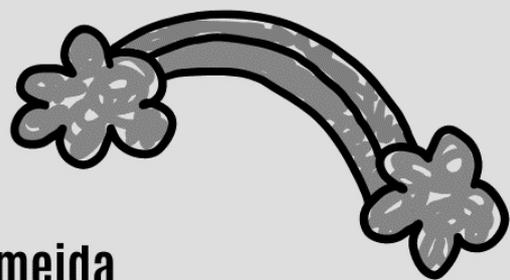
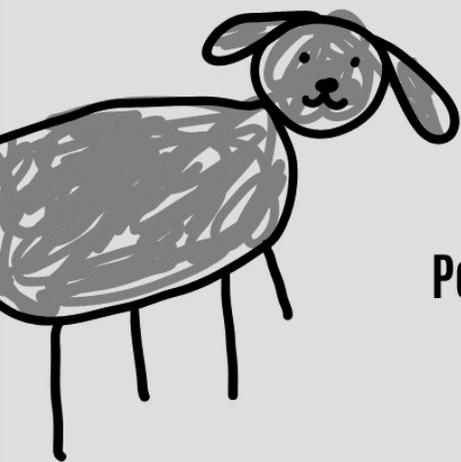


***O DESENHO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL A “ARTE” DE
OLHAR ALÉM DOS “RABISCOS”***
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS




Uniedusul





Penélope da Silva Soriano de Almeida



***O DESENHO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL A “ARTE” DE
OLHAR ALÉM DOS “RABISCOS”
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS***



Uniedusul



Copyright dos autores
Editor Chefe: Profº Me. Welington Junior Jorge
Diagramação e Edição de Arte: Uniedusul Editora
Revisão: Os autores

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A447d Almeida, Penélope da Silva Soriano de.
O desenho na educação infantil [livro eletrônico] : a "arte" de
olhar além dos "rabiscos": especialização em ensino de artes visuais
/ Penélope da Silva Soriano de Almeida. – Maringá, PR: Uniedusul,
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5418-012-2

1. Educação infantil. 2. Artes visuais. 3. Prática pedagógica.
I. Título.

CDD 372.21

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI: 10.51324/54180122

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

Permitido fazer download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos
aos autores, mas sem de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.uniedusul.com.br

Apresentação

“A arte de uma criança (...) é seu passaporte para a liberdade, para a fruição plena de todos os seus dotes e talentos, para a sua felicidade verdadeira e estável na vida adulta. A arte transporta a criança para fora de si mesma. Pode começar como uma atividade individual solitária, a exemplo dos rabiscos num pedaço de papel (...). Mas a criança rabisca de modo a comunicar seu mundo interior a um espectador receptivo (...)”. (READ, 1986, p. 46)

SUMÁRIO

Introdução.....	06
A Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa para o ensino de Artes.....	09
A descoberta de um universo: o desenho infantil.....	13
Proposta Didática: um breve estudo sobre a obra de Cândido Portinari.....	28
Considerações Finais.....	35
Referências.....	37
Anexos.....	41

Introdução

Ser profissional da Educação e desenvolver um trabalho de qualidade não é uma tarefa muito fácil. Ao contrário que se pensa, a Educação Infantil é uma etapa da educação vista hoje como um “alicerce” para a trajetória escolar da criança e, portanto, exige a realização de um trabalho consistente, embasado na responsabilidade e na ética. Por se tratar de um trabalho junto às crianças pequenas, o profissional deve ter um domínio de conhecimentos, habilidades e valores condizentes com a prática que pretende desenvolver. A criança deve ser vista como um cidadão em crescimento e desenvolvimento. Neste sentido, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, vol. 1) o educar na instituição de Educação Infantil significa:

Propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (RCNEI, 1998: 23)

O tema *Desenho na Educação Infantil: a “arte” de olhar além dos “rabiscos”*, surgiu a partir das observações e convivência diárias com crianças pequenas, em casa e na Creche Municipal da cidade de Tiradentes. A proposta é direcionar o olhar do professor para a importância que o “rabisco” tem na vida da criança, uma vez que através dele ela se comunica, expressa sentimentos (positivos ou negativos), representa objetos, pessoas ou acontecimentos que fazem parte do seu cotidiano ou de sua imaginação. Costa (1940) descreve que “aprender a ver é o principal segredo da arte do desenho (...)”. (COSTA, 1940:10). E, segundo Lavelberg (2003):

O desconhecimento da gênese da arte infantil, da influência que essa arte recebe das imagens do meio e da ação educativa, somado à visão de que o trabalho da criança deve ser realista, leva muitos professores a tentar

melhorar os desenhos infantis e ver nos “rabiscos” atos motores, sem investigação ou atribuição de sentido (IAVELBERG, 2003: 66).

Portanto, a arte infantil deve ser considerada como uma das atividades mais importantes para o desenvolvimento, pois através dela, a criança tem a oportunidade de explorar diversas formas de expressão e de comunicação com o mundo.

Infelizmente, a má formação dos profissionais de Arte e, principalmente, dos profissionais que atuam na Educação Infantil, resultam em práticas educativas deficientes. As aulas de artes são vistas apenas como forma de entretenimento. Muitos profissionais propõem atividades aleatórias com o único objetivo de ocupar o tempo. Infelizmente, ainda é muito comum as escolas trabalharem com atividades mimeografadas, as quais não têm nenhum significado para as crianças, uma vez que desenham ou pintam de forma mecanizada, e na maioria das vezes, com o professor direcionando suas “mãozinhas”.

“Aprender ou ensinar é criar ou resignificar arte no contexto didático; por isso é necessário que o aluno viva arte na escola”. (IAVELBERG, 2003: 40). Diante desta afirmativa, percebe-se que o professor deve possibilitar uma aprendizagem significativa em arte. Suas ações são fundamentais para que os alunos aprendam a gostar de arte ao longo da vida.

Logo, o professor deve estar ciente de seu papel refletindo sempre sobre sua prática, buscando atualização constante, uma vez que a formação contínua é necessária para que ele conquiste sua autonomia e aprimore seus conhecimentos. Assim, se tornará mais sensível frente ao desenho infantil, e certamente não ficará sujeito a avaliar grosseiramente as garatujas e rabiscos, que a primeiro momento lhe parecerão inúteis. Conhecer a criança, seu desenvolvimento e as teorias que dão suporte à prática de ensino/aprendizagem, é imprescindível para que o professor desenvolva uma aula criativa, reflexiva em todos os eixos da aprendizagem significativa em arte.

Na década de 1980, Ana Mae Barbosa, desenvolve a Proposta Triangular ou Abordagem Triangular, na qual reúne o fazer, o apreciar e o contextualizar como ações inerentes ao ensino/aprendizagem de arte. Desde então, alguns profissionais tem buscado trabalhar de forma contextualizada, propondo atividades mais comprometidas, sem que estas deixem de ser prazerosas e lúdicas.

É necessário que o aluno entenda que conteúdos de arte estão sendo abordados, e a razão pela qual, o professor está trabalhando determinada atividade. Com as crianças de 2º período (5 anos), já é possível apresentar uma referência histórica do que está sendo transmitido. E trabalhar com conteúdos além da sala de aula, que façam parte do cotidiano do aluno e que sejam condizentes com sua realidade. Dessa forma, a criança pode expressar-se de forma criativa, exteriorizando seus sentimentos e emoções.

O principal objetivo deste trabalho é constatar a importância da arte para a criança em seu contexto educativo. Especialmente, mostrar a importância do desenho na vida da criança, além de despertar um novo olhar sobre este universo rico em possibilidades que é o desenho infantil.

Como fundamentação conceitual e teórica, este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, que foi complementada com um trabalho desenvolvido em campo, o qual contou com uma coleta de desenhos de crianças entre a faixa etária de 1 a 7 anos. Além da descrição de uma atividade proposta em sala para crianças de 5 anos.

O primeiro capítulo descreve a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa; seguida de uma sucinta reflexão sobre a concepção da arte na Educação Infantil, e propõe conhecer um pouco do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

A partir do segundo capítulo, inicia-se a “viagem” pelo universo do desenho infantil, com um breve histórico sobre quando e porque surgiu o interesse pelo desenho da criança. Continuando, expõe-se algumas definições do desenho e descreve-se, de forma concisa, as etapas do desenho infantil. Por fim, mostra-se a importância e o significado que o desenho tem para a criança.

Finalizando o trabalho, apresenta-se no terceiro capítulo, uma proposta didática que se fundamenta nos pilares ver, fazer e contextualizar, tendo como objeto de estudo, a obra “Banda de Música” (1956) de Cândido Portinari.

A abordagem triangular de Ana mãe Barbosa para o Ensino de Artes

Ana Mae Barbosa é uma referência para a pesquisa e o ensino de arte por fazer considerações fundamentais e apontar novas diretrizes para a Arte/Educação. A Abordagem Triangular criada por ela fundamenta-se nos pilares: fruir, fazer e contextualizar, que propõe considerar a influência do contexto sócio/histórico/político nas expressões artísticas numa perspectiva de criticidade e cidadania.

Para Ana Mae é importante despertar a capacidade crítica das crianças em relação ao mundo que as cerca. Para a educadora existem três tipos de cognição com as quais atuamos no mundo: a linguagem discursiva (discurso oral ou escrito) - que se explica por palavras ou na escrita; a linguagem científica - a pesquisa que encontra conceitos seguros na base da experimentação; e a linguagem que se apresenta através do corpo, dos gestos, do desenho. Por isso a Arte é tão importante na escola, pois contribui para tornar o indivíduo capaz de conhecer o mundo através dessas linguagens.

A autora enfatiza a importância da pesquisa em arte/educação e critica a não valorização da contextualização no ensino de arte. Segundo ela, a fruição da obra de arte envolve questionamento, busca, descoberta e o despertar da capacidade crítica do aluno, pois, se a arte não questionar o momento da realidade que a originou, perde o significado e o propósito. A contextualização leva à história da arte e à compreensão de outras áreas de conhecimento necessárias à sua fruição.

Na Abordagem Triangular, o ensino de artes pressupõe coerência com o contexto e acessibilidade, inserindo a leitura da obra de arte na sala de aula permitindo ao aluno o contato frequente com o universo artístico. Permite ainda, uma multiplicidade de observações sobre determinada obra e é coerente com a complexidade da arte, pois possibilita que métodos pedagógicos e didáticos sejam construídos a partir das características de cada instituição educativa.

CONCEPÇÃO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A arte tem sido considerada o elo de interação entre os diversos campos do conhecimento, pois a partir dela pode-se desenvolver o potencial humano por meio de situações que facilitam e ampliam a compreensão do mundo, elaborando a comunicação entre as possibilidades e limites e a expressiva liberdade de criação, fazendo ligações entre o mundo atual e o mais remoto passado.

A arte constitui-se em um elemento fundamental ao desenvolvimento da criança. No momento em que a criança entra em contato com uma produção artística, sua imaginação flui, e ela passa a expandir sua criatividade. Assim, se expressa livremente, expondo suas ideias e sentimentos. Desse modo, o fazer artístico constitui para a criança, uma atividade de integração, que coloca em jogo as interrelações do ver, do pensar e do fazer, permitindo a harmonia dos domínios perceptivos, cognitivos, afetivos e motores.

A partir da disciplina artística, pode ser desenvolvida a individualidade da criança, uma vez que se trata de uma atividade integradora da personalidade. Segundo Ferreira (2001), “as artes auxiliam os alunos a criar formas únicas de pensamento”. (FERREIRA, 2001:32) E, segundo a autora, essa é a primeira razão para que as artes estejam presentes na educação escolar.

A arte é fundamental tanto para a criança quanto para o professor. Através dela, o professor encontra inúmeros recursos que podem auxiliá-lo nas tarefas educativas, principalmente, quando se tem consciência das possibilidades que o fazer artístico proporciona. Existem diversas possibilidades de trabalhar um mesmo conteúdo artístico, o que permite à criança diferentes formas de conhecimento, dentro da instituição escolar, e principalmente, fora dela.

O importante é que o professor valorize a aprendizagem do aluno, dando-lhe oportunidades de se expressar, possibilitando-lhe descobrir através da criação artística, uma infinidade de fatores importantes à sua formação.

A Instituição de Educação Infantil deve proporcionar atividades que possibilitem às crianças maior interação com o mundo, pois é o local mais apropriado para a criança aprender a articular sua ação, sua percepção, sua sensibilidade, sua cognição e sua imaginação.

CONHECENDO O REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

O RCNEI¹ é um documento composto por três volumes, elaborado pelo Ministério da Educação e do Desporto que se refere especificamente às creches, entidades equivalentes e pré-escolas.

Contempla às determinações da LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) no Art. 29º, que estabelece:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDBEN, 1996:12)

Considerando que creches e pré-escolas esforçam-se em propor ações que integrem atividades educativas aos cuidados essenciais das crianças e suas brincadeiras, o Referencial aponta metas de qualidade que contribuem para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas habilidades, não deixando de ter seus direitos à infância reconhecidos. Propõe, ainda, contribuir para que as instituições possam realizar o objetivo socializador dessa etapa educacional, proporcionando às crianças ambientes que propiciem o acesso e a ampliação dos conhecimentos da realidade social e cultural.

O Referencial é um manual, ou seja, um guia com orientações didáticas para o professor, pois contém objetivos e conteúdos relevantes ao trabalho com crianças de zero a seis anos. Além disso, propõe o respeito à diversidade cultural brasileira, bem como, ao tempo e modos de aprendizagem das crianças.

No Referencial (1998, v. 3) encontramos a seguinte explicação sobre as artes visuais:

O desenvolvimento da imaginação criadora, da expressão, da sensibilidade e das capacidades estéticas das crianças poderão ocorrer no fazer artístico, assim como no contato com a produção de arte presente nos museus, igrejas, livros, reproduções, revistas, gibis, vídeos, CD-ROM, ateliês de artistas e artesãos regionais, feiras de objetos, espaços urbanos etc. O desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve estar apoiado,

¹ Brasil Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamenta. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, 1998. A partir de agora, chamado apenas de Referencial.

também, na prática reflexiva das crianças ao aprender, que articula a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação. (RCNEI, 1998:89)

Portanto, a arte tem uma função tão importante quanto as outras áreas do conhecimento no processo de ensino e aprendizagem. E como em qualquer outra disciplina, fazer/ensinar/aprender constitui-se em uma ação processual, pois a construção do conhecimento não se dá de imediato, e sim, por etapas sucessivas.

A descoberta de um universo: o desenho infantil

O INTERESSE PELO DESENHO INFANTIL: UM BREVE HISTÓRICO

Minha tarefa pode ser comparada à obra de um explorador que penetra numa terra desconhecida. Descobrimo um povo, aprendo sua língua, decifro sua escrita e compreendo cada vez melhor sua civilização. Acontece o mesmo com todo adulto que estuda a arte infantil. (ARNO STERN apud MÈREDIEU, 1995: 14).

Por que surgiu o interesse pelo desenho infantil? Antes de iniciar a aventura de “desbravar” esse vasto universo, considera-se fundamental conhecer, quando e por que, surgiu o interesse por esta área, que representa etapas importantes do desenvolvimento da criança. A partir das ideias de Mèredieu (1995) elaborou-se um pequeno cronograma, no qual se pode entender a trajetória dos estudos acerca desse tema.

Segundo a autora, o interesse pelo desenho infantil como objeto de estudos, data dos fins do século XIX. No princípio relacionados com os primeiros trabalhos da psicologia experimental, os estudos foram se diversificando e diferentes disciplinas como a psicologia, a pedagogia, a sociologia e a estética se beneficiaram com essa contribuição.

De 1880 a 1900 – é descoberta a originalidade da infância; e a influência das ideias de Rousseau em pedagogia leva a distinção de diferentes etapas no desenvolvimento gráfico da criança.

Em 1926 – o desenho é introduzido no tratamento psicanalítico. O “sentido estético” da criança é levado em consideração e se estabelecem comparações entre o estilo infantil e os quadros dos mestres. A sociologia aborda a comparação entre os desenhos infantis de diversos países.

No momento atual – “os estudos sobre o desenho beneficiaram-se da contribuição – considerável em psicologia infantil – da obra de Piaget, e prosseguem no sentido de uma elucidação dos mecanismos da expressão infantil, expressão que

não é mais gráfica e plástica apenas, mas também gestual e musical”. (MÈREDIEU, 1995: 2)

Como se pôde constatar, as concepções relativas à infância passaram por mudanças significativas ao longo dos anos. Com o surgimento do “sentimento de infância”², a criança deixou de ser vista como um adulto em miniatura, e passou a ser valorizada como criança. Surge então, uma preocupação com seu bem estar e com sua formação. E, a partir das descobertas sobre a psique infantil e a originalidade de seu desenvolvimento, passou-se a considerar que o universo infantil tem sua especificidade.

Muitos autores como Piaget, Wallon, Luquet, Read, Decroly, Winnicott, Stern, entre outros, reconhecem a importância do desenho na educação infantil, mas é imprescindível que os profissionais que atuam na área se conscientizem dessa importância e, principalmente, que proponham atividades significativas, que realmente contribuam para o desenvolvimento da criança.

AS DEFINIÇÕES DO DESENHO

Segundo descrição de Coelho (2008), o desenho é a representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas. É a arte e a técnica de representar, com variados instrumentos (lápis, pincel, entre outros), um tema real ou imaginário, expressando a forma, o feitiço, a configuração. Um desenho se manifesta essencialmente como uma composição bidimensional, e a partir dele podemos dar formas ao que imaginamos.

O mesmo autor descreve, que o desenho como meio, é uma atividade realizada por muitos profissionais que o utilizam como ferramenta para a compreensão, reflexão e construção do mundo, o que revela muito de sua riqueza ao mesmo tempo em que dificulta sua definição. O desenho como um fim em si mesmo, como uma qualidade livre das artes visuais, proporciona, através da reflexão, de sua flexibilidade de meios

² “O Sentimento de Infância” que surgiu no séc. XVII é entendido como a definição de um papel da criança na sociedade, expresso pela preocupação dos adultos com o alto índice de mortalidade infantil existente na época. (ARIÈS, 1981: 42)

Philippe Ariès - foi um importante historiador francês da família e da infância. Em sua obra “A História social da infância e da família”, demonstra que há uma emergência em perceber a especificidade infantil antes do surgimento de um discurso sobre a infância. E ainda, descreve o desenvolvimento histórico da representação da infância na sociedade.

e da abertura à experimentação, uma porção de possibilidades que abrange uma parcela de elementos que expressam com clareza os significados.

Ainda, segundo Coelho (2008), em geral, a ação de desenhar tem início, a partir da ansiedade que o vazio branco do papel causa no artista. Para enfrentá-la, o desenhista de posse de uma caneta, lápis ou pincel, faz uma marca como expressão de uma vontade, desejo ou pensamento que despertou seu interesse. O desenho surge, a partir desse vazio inicial com o qual se configura uma trajetória revestida de pontos, linhas, planos, que expressam sentimentos, sistemas e valores.

O mesmo acontece com a criança, ao perceber, que no papel tudo é possível. Nele, ela dá forma à sua fantasia e concretiza seus desejos e frustrações. Barbosa (1995) retrata que a criança usa o desenho como um instrumento para explorar o mundo que a cerca e para estabelecer relações dentro dele, pois o desenho possui uma exclusividade na sua forma de comunicar uma ideia, uma imagem ou signo através de diversos suportes e instrumentos.

Segundo Coelho (2008), num sentido amplo, podemos dizer que desenhamos aquilo que vemos, aquilo que compreendemos, e aquilo que reconhecemos através de imagens anteriores como uma representação adequada. Estas três formas de desenhar se misturam, fundando os diversos tipos de desenho. Existem quatro tipos mais comuns que podem ser aplicados e reconhecidos tanto no desenho como meio quanto no desenho como um fim em si mesmo:

Aqueles que investigam, estudam e questionam o mundo real, visível e tangível; aqueles que registram objetos e eventos; aqueles que comunicam ideias; aqueles que são transcrições da memória – um jeito de colecionar e manter impressões e ideias, um jeito de tornar visível o mundo de nossa imaginação (COELHO, 2008:56).

Nesta perspectiva, pode-se entender o desenho, como um gesto que transcende a convenção do suporte e da técnica, e que não deve ser visto como um sistema de códigos sem significação e sim, como a liberdade de expressar ideias, sentimentos, criatividade e imaginação, uma vez que o desenho concretiza aquilo que o artista propõe. Segundo o autor, “desenhar, é estabelecer relações não evidentes entre as coisas; é não renunciar a reconstruir o imaginário a partir de qualquer estratégia”. (COELHO, 2008:57)

AS ETAPAS DO DESENHO INFANTIL

O desenho infantil passa por muitas etapas significativas no decorrer do desenvolvimento da criança. Pode-se perceber que cada desenho sofre uma transformação a cada faixa etária, e estas são muito significativas e importantes para a criança.

Sabe-se que uma das primeiras formas de comunicação e expressão da criança é o movimento. A expressão gráfica infantil, que compreende aproximadamente a faixa etária de 1 a 4 anos é chamada de garatuja. É representada por linhas traçadas sem direção definida, sem controle (Figuras 1, 2, 3, 4, 6 e 18). Ela significa para a criança felicidade ou uma forma de expressar suas angústias ou aflições, proporciona prazer, além de aperfeiçoar a coordenação motora. Segundo Martins (1986) “através das garatujas podemos conhecer melhor nossas crianças” (MARTINS, 1986: 50), pois se pode perceber a firmeza, a agressividade, a delicadeza, a insegurança, a presença ou a falta de confiança em si mesma.

Entre um ano e meio a três anos, existem dois tipos de movimento que são primordiais: o círculo e a linha reta (Figuras 2, 7 e 14). A linha reta aparece às vezes em forma de pêndulo (Figuras 1 e 3). Em muitos desenhos surge a espiral (Figura 8), que em geral é desenhada pela criança, de fora para dentro. Desse movimento em curva ou espiralado, surge o círculo fechado (Figuras 10, 11 e 12). A criança a partir de muita concentração, esforça-se em fechar os círculos e quando consegue isso lhe causa tanta satisfação que ela é capaz de encher muitas folhas de papel com apenas esta forma.

A partir dos 3 anos, a criança se sente mais segura em relação ao mundo e os círculos fechados representam essa segurança. A criança muitas vezes desenha um ponto dentro do círculo (Figuras 12 e 19), e isso representa seu equilíbrio interior. Esse ponto significa a percepção de si própria - o seu “eu”. Pode-se observar que nesta primeira fase o que predomina é o redondo, o círculo.

Nesta fase, é importante propiciar meios que estimulem a percepção dos sentidos como um todo (visão, tato, audição, paladar e olfato), estimular perguntas referentes ao que a criança está desenhando, principalmente quando ela já atribui nomes às sua garatujas (Figuras 4, 5, 8, 9, 11, 12, 13 e 14). É muito importante o educador ter consciência de não utilizar atividades mimeografadas para serem

preenchidas pelas crianças, o que é muito comum nas creches e escolinhas de educação infantil. Valorizar o desenho livre e a criatividade da criança é essencial nesta etapa de seu desenvolvimento.

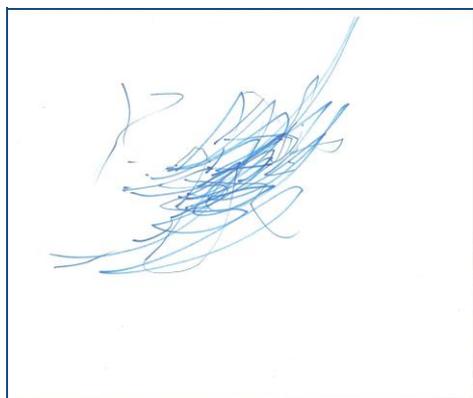


FIG. 1 - Hugo 1 ano e 4 meses

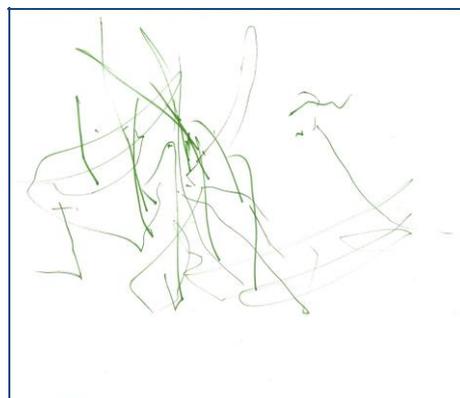


FIG. 2 - Arthur 1 ano e 7 meses

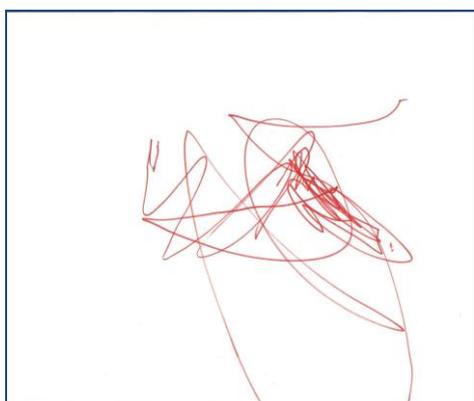


FIG. 3 - Emmanuely 1 ano e 10 meses



FIG. 4 - Maycon 2 anos e 2 meses

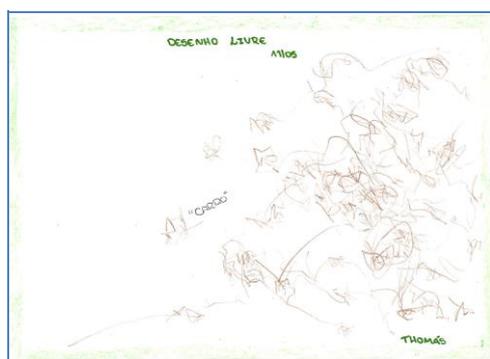


FIG. 5 - Thomás 2 anos e 3 meses

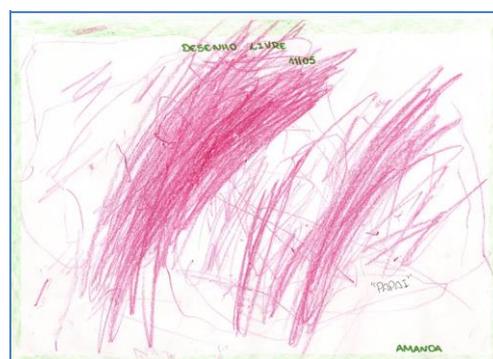


FIG. 6 - Amanda 2 anos e 7 meses

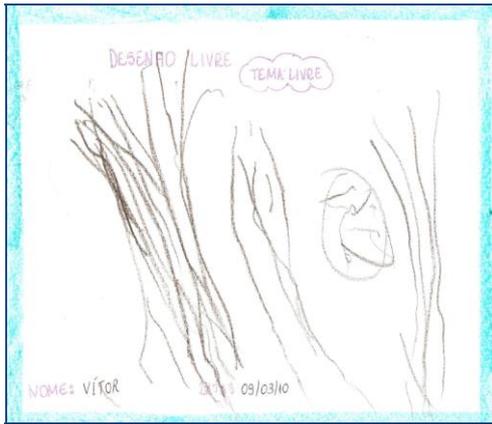


FIG. 7 - Vitor 2 anos e 7 meses



FIG. 8 - Vitor 2 anos e 9 meses

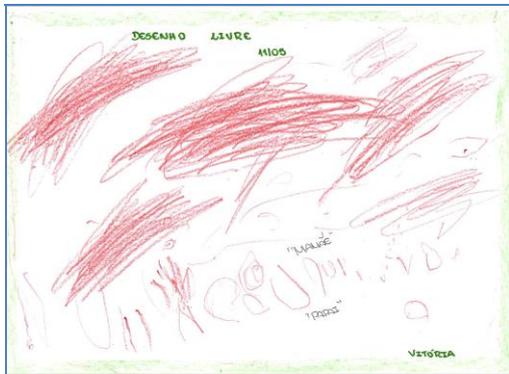


FIG. 9 - Vitória 2 anos e 9 meses



FIG. 10 - Olívia 2 anos e 10 meses



FIG. 11 - Daniel 3 anos e 3 meses

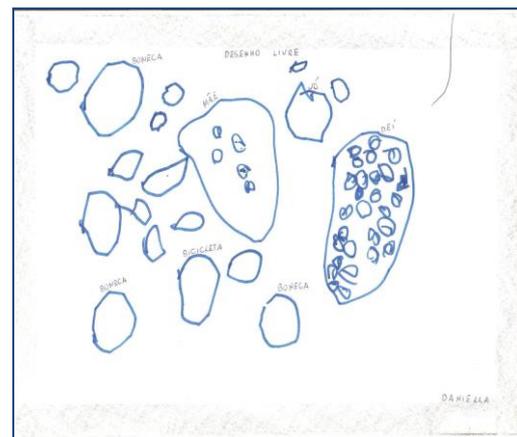


FIG. 12 - Daniella 3 anos e 7 meses

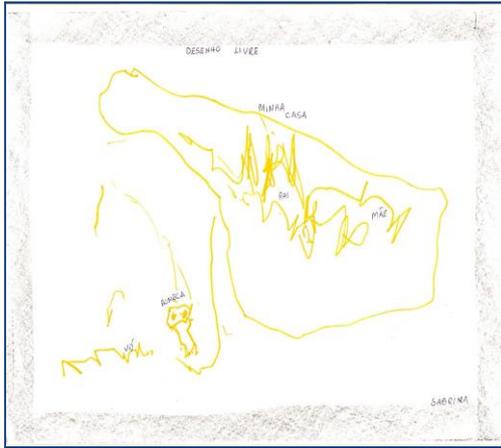


FIG. 13 - Sabrina 3 anos e 7 meses

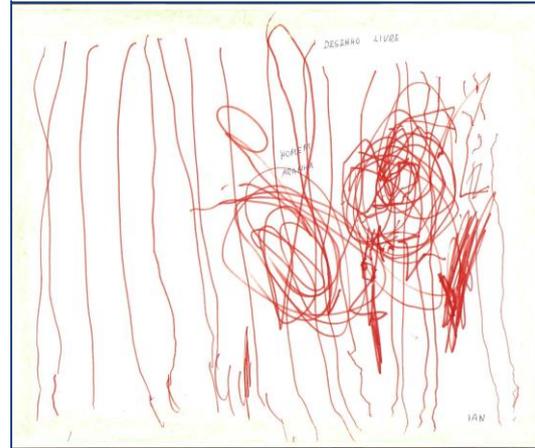


FIG. 14 - Ian 3 anos e 8 meses

Na fase que compreende a faixa etária de três a cinco anos, a criança passa a ter maior consciência do mundo que a cerca. Ela descobre (inconscientemente) os órgãos dos sentidos e isto se expressa nos desenhos. Mesmo não representando uma figura, propriamente dita, ela é capaz de expressar através de linhas e formas, a realidade e o seu pensamento (Figura 13). Segundo Martins (1986) “a criança só desenha o que é importante para ela” (MARTINS, 1986: 53).

Acontece uma comunicação com o mundo através de seus sentidos. A criança já consegue relacionar-se socialmente e brincar com outras crianças. Em alguns desenhos é comum “raios” envolverem os círculos, e estes são desenhados de fora para dentro, o que representa a exteriorização dos sentimentos da criança.

Surgem algumas figuras com antenas ou pernas compridas. A figura humana começa a ser representada a partir do movimento circular (cabeça e pés). A criança já desenha o rosto com olhos e boca, mas o resto do corpo ainda não tem uma formação consistente (Figura 20). Nesta etapa é importante que a criança seja sensibilizada frente ao seu próprio “eu”, pois algumas partes do corpo só serão representadas no desenho se o envolvimento for emocional. A criança deve ter consciência da importância das partes de seu corpo e das funções de cada uma.

Os desenhos nesta etapa parecem dispersos, pois a criança ainda é bastante egocêntrica. As relações de espaço vão surgir a partir dos vínculos emocionais e são muito importantes para o seu desenvolvimento.

Aos quatro anos, aparecem formas novas no desenho. A criança, às vezes, divide a folha em vários espaços e em alguns desenhos aparecem as escadinhas. O

medo e o sentimento de solidão surgem nesta idade. A criança também descobre as cores, e é capaz de utilizá-las de forma expressiva, combinando-as numa sucessão de movimentos que se repetem em todo o desenho (Figuras 15 e 16).

Nesta fase, o quadrado predomina (Figura 21). A criança brinca e ao brincar desenvolve a fantasia e a criatividade. Por volta dos cinco anos, surgem os primeiros elementos ilustrativos. Ela começa a desenhar o mundo a sua volta (árvores, casas, sol nuvens, entre outros) que aparecem misturados com as formas descritas anteriormente. As figuras voam pelo espaço, pois ainda não há nenhuma noção de cima e baixo ou direita e esquerda (Figuras 21, 22, 23 e 24).



FIG. 15 - Wallace 3 anos e 7 meses

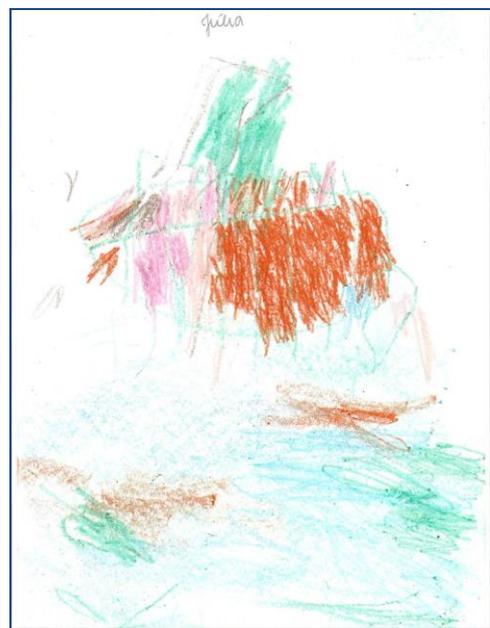


FIG. 16 - Júlia 3 anos e 8 meses

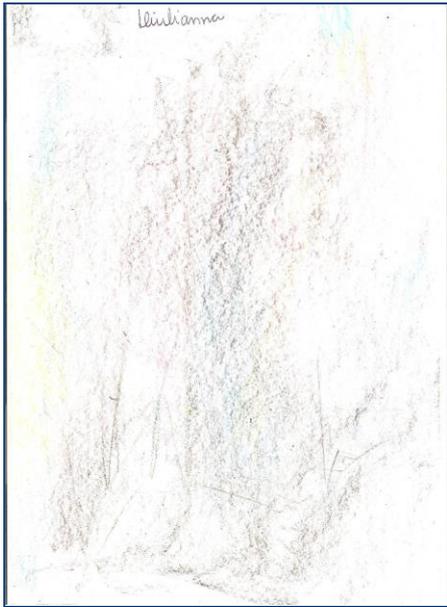


FIG. 17 - Diulianna 3 anos e 9 meses

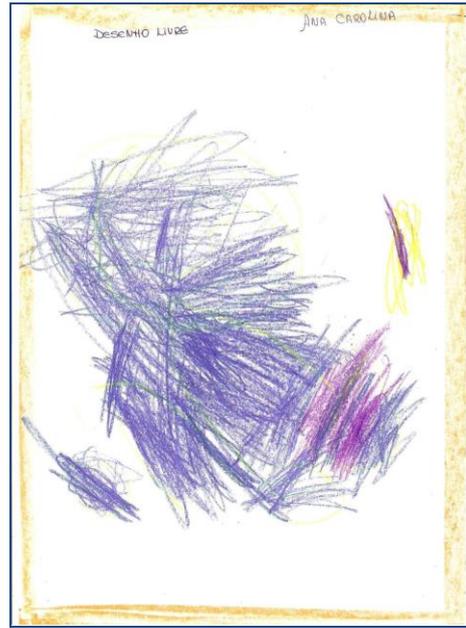


FIG. 18 - Ana Carolina 3 anos



FIG. 19 - Carlos Henrique 3 anos e 1 mês

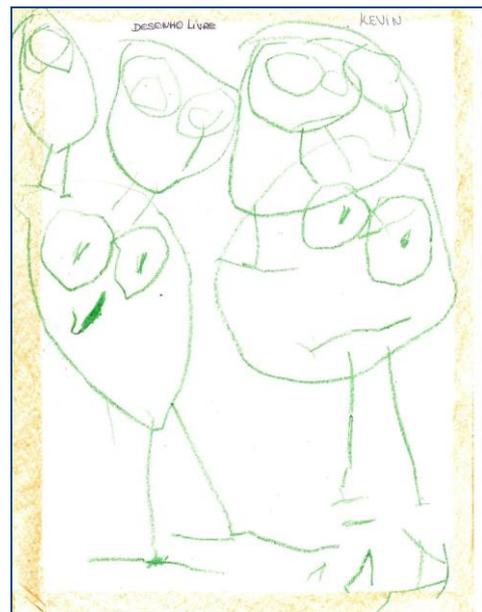


FIG. 20 - Kevin 3 anos e 11 meses ³

³ FIG. 1 a 20. Fonte: Creche Municipal "Bem-me-quer" - Tiradentes.



FIG. 21 - Antônio Gabriel – 4 anos
Fonte: arquivo particular



FIG. 22 - Antônio Gabriel 4 anos e 2 meses
Fonte: arquivo particular



FIG. 23 – Antônio Gabriel 4 anos 4 meses
Fonte: arquivo particular



FIG. 24 - Antônio Gabriel 5 anos
Fonte: arquivo particular

De cinco a sete anos, as habilidades manuais da criança se desenvolvem. Aos cinco anos, ela gosta muito de ajudar os adultos. O andar se torna mais expressivo, individual e o educador, pode entender o temperamento dela, definir suas características apenas observando este gesto.

A criança já desenha figuras humanas com pernas fortes. Nas mãos aparecem os dedos, às vezes representados em menores ou maiores quantidades. As árvores são representadas com troncos fortes, e em algumas até aparecem raízes (Figura 24). Surgem as noções de cima e baixo, pois a criança desenha o céu e a terra (Figuras 25 e 26). Os objetos são desenhados no “chão” ou na parte inferior da folha. Surge o triângulo. Há riqueza de detalhes que descrevem animais, atividades humanas, entre outros (Figura 26).



FIG. 25 - Antônio Gabriel - 6 anos e 7 meses
2º lugar em concurso de desenho – 2009
Tema: Liberdade
Fonte: arquivo particular



FIG. 26 - Antônio Gabriel - 7 anos e 7 meses⁴
2º lugar em concurso de desenho – 2010
Tema: Liberdade
Fonte: arquivo particular

Percebe-se que tudo que a criança desenha se relaciona com seu corpo em formação, com seu desenvolvimento físico e mental. É importante que nesta fase o desenho livre seja incentivado e proposto como atividade diária.

A criança não deve “aprender a desenhar” de forma dirigida. É interessante que o adulto desenhe junto com a criança, não com o intuito de que elas copiem, mas como forma de incentivo. O professor que desenha, certamente saberá entender e avaliar o desenho da criança. Mas, segundo Lavelberg (2003), antes de conhecer as fases ou etapas do desenho infantil, é necessário que o professor saiba apreciá-los.

Além de incentivar o desenho livre e estimular a criatividade da criança, é importante mostrar obras de artistas renomados, falar sobre a história da arte, criar artifícios que provoquem a criança a manter sua expressividade através do desenho.

O SIGNIFICADO DO DESENHO PARA A CRIANÇA

Os desenhos das crianças nos dizem muito sobre sua percepção do mundo. Através do desenho, a criança age sobre o mundo que a cerca. O desenho se manifesta como uma necessidade essencial ao seu desenvolvimento, pois através dele, ela se comunica. Desenhar é sempre uma forma de registrar, de contar, de explicar, enfim, de comunicar graficamente algo que poderia também, ser comunicado com palavras, com letras, com gestos ou com sons.

O ato de desenhar estimula manifestações que possibilitam à criança explorar o imaginário. Enquanto desenha, a criança imagina, conta histórias, representa, canta,

⁴ FIG. 21 a 26. Fonte: Arquivo particular.

interage fazendo parte e dialogando, fica em silêncio, concentra-se. Segundo Derdyk (2004) “a criança desenha, entre outras tantas coisas, para divertir-se. (...) O desenho é o palco de suas encenações, a construção de seu universo particular” (DERDYK, 2004: 50).

Segundo a autora, o desenho contribui ainda, no processo de socialização da criança, quando esta toma consciência dos limites do papel, quando passa a entender o que está dentro e o que está fora dele. A criança começa a perceber o eu e o outro. Mas, a autora ressalta que “o desenho manifesta o desejo de representação, mas também (...) é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação” (DERDYK, 2004:51), pois quando desenha, “a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial”.

É importante entender, que a criança ao desenhar experimenta sensações novas que podem causar prazer ou angústia. Essa atividade não pode ser de forma alguma, obrigatória, uma vez que, a criança se desenvolve no meio de adultos e este mundo influencia de diversas maneiras no seu desenvolvimento, independente do contexto no qual está inserida. Segundo Mèredieu (1995), “o meio em que a criança se desenvolve é o universo adulto, e esse universo age sobre ela da mesma maneira que todo contexto social, condicionando-a ou alienando-a”. (MÈREDIEU, 1995: 3)

Nesta perspectiva, desenhar para a criança é uma atitude consciente e emocional. Portanto, é preciso ter cuidado ao falar sobre o desenho de uma criança, pois se deve considerar que o desenho não é “qualquer coisa” para ela. É importante que a criança seja motivada pelo adulto a fazer a leitura de seus grafismos. Ao falar sobre seu desenho, a criança estará desenvolvendo sua habilidade de verbalizar, argumentando, descrevendo ou narrando, estabelecendo relações entre objetos e suas cores.

Como prática educativa, o desenho proporciona à criança um leque de possibilidades importantíssimas ao seu desenvolvimento. Valorizar sua produção é extremamente importante, uma vez que desenhar é uma forma de aprendizagem, e isso proporciona a ela confiança para novas etapas de seu desenvolvimento.

DAS CONCEPÇÕES DE ARTE ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O PAPEL DO PROFESSOR

Incentivar! Essa é a palavra. Segundo Barbosa (1995), “o professor deve ensinar a ver, a analisar e especular” (BARBOSA, 1995: 71). É importante que as crianças desde pequenas, conheçam através das atividades, artistas renomados com relevante importância na história das artes. Deve-se fazer uma contextualização com informações sobre o artista, a época em que a obra foi produzida e sobre as técnicas e materiais utilizados.

É necessário que o professor tenha uma postura crítica com a história denotando para a criança que os artistas que fazem parte de sua realidade, mesmo não sendo tão conhecidos, também tem uma história de vida, talento, conhecimento primitivo, porém singular.

Considerando que o ensino/aprendizagem em artes não é linear, ao pensar métodos de ensinar/aprender artes, o professor precisa considerar a realidade, o contexto no qual está inserido, os recursos que a escola disponibiliza, o sistema escolar como um todo, a clientela assistida e, principalmente, valorizar a criação e a emoção do aluno, bem como, as capacidades artísticas a serem desenvolvidas. A partir de um objetivo, o professor deve aplicar vários métodos adequando-os a determinados momentos e/ou contextos, respeitando a individualidade e a diversidade dos educandos, pois, cada indivíduo tem sua forma de aprender e apreender.

Uma educação criativa deve favorecer o potencial em todas as disciplinas, principalmente, no ensino de artes, dando valor ao pensamento produtivo, utilizando recursos que favoreçam não só a aquisição de conhecimento, mas, sobretudo a expansão e a afirmação da personalidade da criança, possibilitando que seja desenvolvida a capacidade criadora nas diversas atividades, uma vez que a criatividade está presente em várias situações do cotidiano.

Lowenfeld (1977) descreve que o senso de independência e liberdade; o impulso criador, a maturidade emocional e intelectual e a personalidade em seus múltiplos aspectos ajudam na criatividade. Ao criar, sob a forma de desenho, a criança mostra a evolução de sua personalidade, “pois utiliza sua mente, usa suas mãos, reage sensitivamente ao que vê, ouve, sente ou toca e desenvolve desejos de se comunicar com os outros”. (LOWENFELD, 1977: 11)

Uma aprendizagem significativa em artes depende de conteúdos, estratégias e propostas que ofereçam oportunidades de participação dos alunos. É importante que o professor esteja atento em observar o seu comportamento, conhecê-lo, compreendê-lo e, a partir daí influenciá-lo positivamente no que diz respeito ao desempenho das atividades. O aluno é o protagonista do processo educativo. Portanto, é importante que o professor utilize uma metodologia contextualizada que priorize temas que partam do cotidiano, das vivências, das necessidades da sociedade, do bairro, da rua, do ambiente escolar, a fim de realmente tornar significativos os processos de ensino/aprendizagem, tanto para aquele que ensina, quanto para aquele que aprende.

Podemos considerar que o ensino de artes, em sua amplitude de conhecimento, é fundamental para a formação cultural, intelectual e social não só do aluno como também do professor, pois favorece momentos de reflexão, conscientização, interação, além de trocas de experiências e aquisição de conhecimentos.

O profissional de ensino de Artes deve considerar que seu conhecimento também está em construção, portanto, precisa construir uma ponte entre o conhecimento de sala de aula e o contexto externo, através de pesquisas, exploração, argumentação e reflexão, constituindo-se também como sujeito fruidor. Quando o professor adquire um conceito de arte/educação consistente, possibilita uma oportunidade ao sujeito de executar suas próprias ideias, e a capacidade de fazer interrelações, imaginar novas estruturas de pensamento e certamente, construir conhecimentos. É preciso constituir uma formação estética na sala de aula que possibilitará a formação da sensibilidade do aluno.

O fazer artístico constitui uma atividade integradora, que coloca em jogo as interrelações do fruir, do pensar e do fazer, dando unidade aos domínios perceptivos, cognitivos, afetivos e motores. Ensinar arte significa, então, possibilitar experiências e vivências significativas ao aluno e a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias. É propiciar aos alunos liberdade de pesquisar, criar e imaginar por meio de recursos e propostas que garantam a aprendizagem e o desenvolvimento das linguagens visuais.

A professora Lucia Gouvêa Pimentel (2008) diz que, o professor deve ser um pesquisador constante, e é importante que atue enquanto artista na pesquisa e ensino

de arte. Ou seja, é muito importante estudar, pesquisar e se fundamentar – teórica e praticamente – para melhor embasar sua aprendizagem e desenvolver seu trabalho.

Conhecer e analisar as várias metodologias de ensino de arte é fundamental para adequar e dinamizar o processo de ensino/aprendizagem. O conhecimento da teoria contribui para criar novas possibilidades de ensino, pois, sabe-se que para ensinar arte, não basta ter somente habilidade, mas é preciso que o professor conheça, saiba sobre arte e, principalmente, que saiba ensinar/aprender.

Proposta didática: um breve estudo sobre a obra de Cândido Portinari

Proposta didática: Com base na Abordagem Triangular de Ana Mae e propondo uma atividade interdisciplinar, que teve como objetivo despertar nas crianças a curiosidade sobre a obra de Portinari e estimulá-las a criar alguma relação pessoal com a mesma. Sugeriu-se explorar a imagem, instigando interpretações sobre ela, como: as cores, as formas, as expressões, instrumentos, vestimentas, ou seja, a estrutura da obra como um todo. Além da obra de Cândido Portinari, foram apresentadas algumas imagens de diferentes épocas da Banda Ramalho⁵, para que as crianças fizessem um paralelo com o conhecimento que tinham sobre banda de música e a imagem representada na obra, e para que entendessem o que representa o passado e o presente. A partir da apreciação e do conhecimento adquiridos sobre a obra de arte, as crianças poderiam fazer sua própria produção. A atividade foi realizada com crianças da faixa etária entre cinco e seis anos do 2º período da Creche Municipal “Bem-me-quer”, onde das vinte crianças matriculadas, dezessete estavam presentes.

Justificativa: A partir do tema *Música* foi escolhida a obra “Banda de Música” (1956) de Cândido Portinari por ser uma obra que retrata vários instrumentos musicais sendo muitos deles de conhecimento dos alunos, uma vez que a Cidade de Tiradentes possui como ponto de referência musical, a Sociedade Orquestra e Banda Ramalho fundada em 1860, fortemente presente no cotidiano das crianças. Diante disto, surgiu a ideia da representação em forma de desenho. Trata-se de um trabalho realizado em agosto de 2009, para a disciplina “Linguagens na Educação Infantil: linguagens artísticas” do Curso de Pedagogia: Licenciatura em Educação Infantil da UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto.

⁵ A Sociedade Orquestra e Banda Ramalho está completando 150 anos em 2010. A partir de agora, chamada apenas de Banda Ramalho.

Metodologia: A obra foi apresentada para as crianças através de uma contextualização teórica que incluiu, além da biografia do autor, algumas informações sobre a obra e um pouco da história da Banda Ramalho. Para não perder o equilíbrio entre teoria e prática, utilizou-se a roda de conversa como estratégia durante o trabalho. O objetivo era estimular as crianças e possibilitar sua reflexão sobre as atividades realizadas. As atividades foram desenvolvidas na sala de aula com duração aproximada de três horas, e foram desenvolvidas a partir de um plano de atividades dividido em cinco etapas. Foram utilizados como material didático, papel A4, lápis, borracha, canetinha, lápis de cor, gizão, além das imagens da obra e da Banda Ramalho.

Obra de Cândido Portinari



FIG. 27- Banda de Música⁶ 1956

Pintura a óleo/tela - 54 x 45 cm - Brodowski, SP.

Assinada e datada no canto inferior esquerdo "PORTINARI 56" Coleção particular, São Paulo, SP.

Fonte: www.portinari.org.br. Acesso dia 29 abr. 2010.

⁶ O músico sentado no primeiro plano, à esquerda da composição, representa Baptista Portinari, pai do artista.



FIG. 28 - Banda Ramalho (1921)
Apresentação na Semana Santa de Rio Branco.
Fonte: www.orquestraebandaramalho.com.br.



FIG. 29 - Banda Ramalho (2006)
Fonte: Tiradentes / Fotografias de Jamie Stewart - Granger (pág. 80). Acesso dia 09 mai. 2010.

Plano de atividades:

Primeiro momento: Conversa informal sobre o prazer de desenhar. Indagou-se se todas gostam de desenhar, se conhecem todas as cores ou diferentes materiais que são utilizados para fazer um desenho. A seguir apresentou-se a obra de Portinari (Figura 27) para que as crianças pudessem apreciá-la, e fez-se a leitura de um pequeno texto adaptado à faixa etária das crianças, fazendo uma contextualização entre a obra e o tema. Em seguida, apresentaram-se as imagens da Banda Ramalho (Figuras 28 e 29) seguindo o mesmo processo.

Segundo momento: Estimulando as crianças a apreciar e refletir sobre as imagens, levantaram-se dados como: O que vocês observam nestas imagens? Quais cores foram usadas pelo artista para pintar? Repararam nos traços? Existem formas nesta imagem que vocês já conhecem? Conhecem os instrumentos representados pelo artista nesta imagem? Há muitos instrumentos na nossa cidade parecidos com estes representados na obra do artista? Vocês conhecem estes instrumentos ou gostariam de conhecê-los? O que vocês sentiram ao ver imagens conhecidas retratadas nessa obra de arte?

Terceiro momento: Nessa etapa, após terem observado e refletido sobre a obra foi proposto que as crianças desenhassem o que sentiram, viram ou conheciam. Em seus desenhos, as crianças interpretaram a obra respeitando o valor e a identidade da mesma. A turma registrou o que observou, bem como o que já conhecia,

retratando as sensações visuais (fruição), e o que o tema significava para elas, a partir da análise da obra de Portinari. Possibilitou-se aos alunos utilizarem habilidades e imaginação para a construção de suas próprias produções artísticas.

Assim, puderam desenvolver a percepção e a experimentação.

Quarto momento: Organização e exposição dos trabalhos na escola.

Proporcionar a observação e reflexão sobre seus próprios desenhos e sobre os desenhos dos colegas é uma estratégia muito importante utilizada pelo professor no processo de ensino-aprendizagem. Expor os trabalhos dá a oportunidade de as crianças apreciarem a produção das outras crianças, enriquecendo ainda mais a percepção visual.

Quinto momento: Para finalizar, realizou-se um debate em sala, com as seguintes questões: O que acharam desta atividade? Gostaram de realizá-la? Gostaram de conhecer este artista? O que acharam da sua obra? E do tema que ela representa?

O que vocês sentiram ao desenhar?

Atividades em sala



FIG. 30 - Fonte: arquivo particular



FIG. 31 - Fonte: arquivo particular⁷

⁷ Foi autorizada pelas responsáveis legais das crianças a publicação e divulgação de imagem nos termos da Lei nº 2/99 de 13 janeiro de 1999.

Descrição das imagens: Observando a obra, as crianças identificaram os instrumentos e associaram suas cores a dos instrumentos conhecidos por eles. Analisando a figura 32, Augusto pintou o trombone de amarelo associando ao dourado, o violão de marrom e as cordas de cinza associando a cor do aço. Observar-se o cuidado dele com a proporção usada para representar os instrumentos, e ainda, os chapéus que não apareciam na obra de Portinari, e que estavam pouco visíveis na imagem da Banda Ramalho de 1921, uma vez que estão nas mãos dos componentes.

Na figura 33, Maria Clara mostra a noção de banda quando desenha três pessoas cada uma com um tipo de instrumento (violão, flauta e um pandeiro), além de representá-las com o mesmo tipo e cor de roupa.

Já na figura 34, Marcelo demonstra a sensibilidade ao som, quando o representa através das notas musicais.

É importante ressaltar que em todos os desenhos, a representação da figura humana está completa (tronco, membros, cabeça, olhos, entre outros). E como Portinari, as crianças associam alegria a banda, uma vez que esta é visível nos três desenhos, pois pode ser notada nas expressões, cores utilizadas, na representação da natureza e no entusiasmo delas em realizar a atividade.

Desenhos analisados



Fig. 32 – Augusto
Fonte: arquivo particular



Fig. 33 – Maria Clara
Fonte: arquivo particular



Fig. 34: Marcelo
Fonte: arquivo particular

Observações: As crianças demonstraram interesse, curiosidade e questionaram sobre o motivo (causa) da morte do artista – intoxicação pelo uso das tintas, uma vez que algumas delas conhecem pessoas que trabalham com esse material. Também destacaram a presença do pai do artista - Baptista Portinari - representado na obra, e algumas identificaram a presença de formas geométricas como triângulos e quadrados. Estimulou-se a curiosidade das crianças em saber mais sobre o artista Cândido Portinari e suas obras, e ainda, sobre a Banda Ramalho. Observou-se que alguns sentimentos como curiosidade e euforia, antecederam a percepção crítica, uma vez que a obra representa algo muito comum no dia-a-dia de algumas crianças. A cada olhar sobre a obra, as crianças faziam comparações e descreviam experiências vividas no cotidiano. Concluindo, proporcionou-se através desta atividade, que os alunos representassem o sentido do fazer artístico, ou seja, possibilitaram-se experiências e vivências significativas em apreciação, reflexão e elaboração artística. No término da atividade um painel foi confeccionado com todas as obras das crianças e este exposto na creche, onde todos, alunos e profissionais puderam apreciar a criatividade e talento dos “pequenos artistas”.

Exposição dos trabalhos



FIG. 35
Fonte: arquivo particular



FIG. 36
Fonte: arquivo particular

Apreciação dos trabalhos pelas crianças



FIG. 37
Fonte: arquivo particular



FIG. 38
Fonte: arquivo particular

Considerações

Finais

A partir do que foi exposto, conclui-se que através da arte a criança tem a oportunidade de explorar, construir, aumentar seu conhecimento, desenvolver suas habilidades, articular, realizar trabalhos estéticos e exprimir seus sentimentos. O ensino de arte deve possibilitar a todos os alunos a construção de conhecimentos que interajam com sua emoção, através do pensar, do apreciar e do fazer arte. Para isso, os conteúdos devem ser ensinados por meio de situações e/ou propostas que favoreçam o surgimento de formulações de ideias, hipóteses, teorias e formas artísticas, respeitando a diversidade e individualidade de cada aluno.

Assim sendo, o papel do professor é de propiciar a flexibilidade da percepção, incentivando a curiosidade, desafiando o conhecimento prévio, aceitando a aprendizagem informal que os alunos trazem para a escola e, ao mesmo tempo, oferecendo outras possibilidades de conhecimento, principalmente, estimulando e incentivando a prática do desenho.

Nesta perspectiva, é essencial que o desenho seja estimulado desde a Educação Infantil, pois à medida que vai se desenvolvendo, a criança passa a observar e se relacionar melhor com as pessoas e com o mundo. Sendo assim, o desenho não deve ser entendido como uma atividade complementar ou de divertimento, e sim, como ferramenta importante, pois estimula a criatividade proporcionando uma aprendizagem rica e estimulante.

Com a proposta didática que foi aplicada junto às crianças do 2º período, constatou-se que uma aula bem elaborada, com objetivos definidos e com uma fundamentação teórica, mesmo adaptada, é possível de ser realizada com crianças ainda na Educação Infantil. Pode-se observar que a atividade planejada com base na Abordagem Triangular teve um resultado satisfatório, considerando a faixa etária das crianças, pois houve interesse, reflexão, questionamento, criatividade, socialização, percepção, experimentação, entre outros.

Finalizando, o professor deve conhecer e analisar as várias metodologias de ensino de arte, uma vez que o objeto de pesquisa é o processo ensino/aprendizagem em toda a sua complexidade. Conhecer a teoria contribui para criar novas possibilidades de ensino, ou seja, é importante que o professor esteja em constante reflexão sobre sua prática e pesquise novas alternativas para enriquecer e propor aos seus alunos aulas criativas, interessantes, e principalmente, condizentes com sua realidade, com suas experiências cotidianas. Deste modo, estará proporcionando uma aprendizagem realmente significativa em arte.

Referências

- ALMEIDA, O. A. *História da Educação: o lugar da infância no contexto histórico-educacional*. Cuiabá: EdUFMT, 2006. 104 p.:il.
- ARIÈS, P. *A História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BARBOSA, A. M. T. B. *Teoria e Prática da Educação Artística*. São Paulo: cultrix, 1995. 116 p.
- BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Básica. *REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL*. Brasília, 1998. v. 1 e 3.
- COSTA, L. *O Ensino do Desenho*. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1940.
- DERDYK, E. *Formas de Pensar o Desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. Pensamento e ação no magistério*. São Paulo: scipione, 2004. 239 p.: il. Color.
- FERREIRA, S. (Org). *O Ensino das Artes: construindo caminhos*. Campinas: Papirus, 2001.
- GREIG, P.; trad. Fátima Murad. *A Criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- IAVELBERG, R. *Para Gostar de Aprender Arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003. 126 p. il.
- IGNÁCIO, R. K. *Criança Querida: o dia-a-dia das creches e jardim-deinfância*. 2ª ed. São Paulo: Antroposófica - Associação Comunitária Monte Azul, 1995.
- LOWENFELD, V. *A criança e sua Arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- MARTINS, M. C. F. D. *Temas e Técnicas em Artes Plásticas*. 2ª ed. São Paulo: ECE, 1986. 279 p.: il.
- MÈREDIEU, F.; trad. Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini. *O Desenho Infantil*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995. 116 p.:il.
- NEDER, M. L. C. *Linguagens na Educação Infantil II: Pensamento e Linguagem*. Cuiabá: EdUFMT, 2008. 88 p.: il. color.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed. - Volume 6. Brasília, 2001. 130 p.: il.; 16x23 cm.

PIMENTEL, L. G. (org). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais.* 2ª ed. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. v. 1 : il. ; 27 cm.

PIMENTEL, L. G. (org). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais.* Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. v 2 : il. ; 27 cm.

PIMENTEL, L. G.; LEMOS DA CUNHA, E. J.; MOURA, J. A. *Proposta Curricular - CBC: Arte. Ensino Fundamental e Médio.* Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. 76 p.:il.

SPINDOLA, A. M. A.; OLIVEIRA, A. A. *Linguagens na Educação Infantil IV: linguagens artísticas.* Cuiabá: EdUFMT, 2008. 136p.: il. Color.

Lista de sites:

Projeto Portinari: Portinari para crianças. Disponível em: www.portinari.org.br. Acesso dia 29 abr. 2010.

SOBR - *Sociedade Orquestra e Banda Ramalho.* Fundada em 1860. Disponível em: www.orquestraebandaramalho.com.br/. Acesso dia 09 mai. 2010.

Anexo(s): Textos de Contextualização

Os textos foram resumidos e adaptados para tornar a leitura e a explicação mais condizentes com a faixa etária das crianças.

Cândido Portinari

Cândido Portinari foi um dos pintores brasileiros mais famosos. Ele nasceu no dia 30 de dezembro de 1903, numa fazenda de café, no interior do Estado de São Paulo. De origem humilde, recebeu apenas a instrução primária (Ensino Fundamental), e desde criança manifestou seu talento para atividades artísticas, mas destacou-se também nas áreas de poesia e política.

Durante sua trajetória, ele estudou na Escola Nacional de Belas-Artes no Rio de Janeiro; visitou muitos países, entre eles, a Espanha, a França e a Itália, onde finalizou seus estudos.

No ano de 1935 ele recebeu uma premiação em Nova Iorque por sua obra "Café". Deste momento em diante, sua obra passou a ser mundialmente conhecida.

Companheiro de poetas, escritores, jornalistas, diplomatas, Portinari participa de uma importante mudança na atitude estética e na cultura do país. Em 1949 executa o grande painel Tiradentes, narrando episódios do julgamento e execução do herói brasileiro, que lutou contra o domínio colonial português.

A "Banda de música" foi pintada em 1956. Com 54 centímetros de altura e 45 cm de largura, é feito de tinta a óleo sobre tela de tecido. Sua justificativa por criá-la é que havia muita festa com a banda de música, e esta obra representa para ele, a alegria.

Dentre suas obras, destacam-se: "A Primeira Missa no Brasil", "São Francisco de Assis" e Tiradentes". Seus retratos mais famosos são: seu auto-retrato, o retrato de sua mãe e o do famoso escritor brasileiro Mário de Andrade.

Cândido Portinari faleceu no dia 6 de fevereiro de 1962, vítima de intoxicação pelas tintas que utilizava.

Orquestra e Banda Ramalho

A Sociedade Orquestra e Banda Ramalho é uma associação sem fins lucrativos, de Utilidade Pública (Lei nº. 414), fundada em 1860, na então cidade de São José d'el Rei, hoje Tiradentes - MG. Tem por finalidade a preservação, difusão e execução da música em geral, e principalmente, a música sacra.

Suas atividades integram, além da escola para aprendizes e iniciação de músicos, apresentações em festas religiosas, onde são apresentadas músicas de compositores do século XIX, inclusive alguns deles nasceram aqui em Tiradentes, como o capitão Manoel Dias de Oliveira. Além do comparecimento em festas cívicas onde executa um repertório de músicas antigas e atuais.

Desenhos das crianças do 2º período que não foram analisados no corpo do texto.



FIG. 39 – Eliane



FIG. 40 - João Gabriel



FIG. 41 - Cauan



FIG. 42 - Ana Laura



FIG. 43 - Samuel



FIG. 44 - Livia

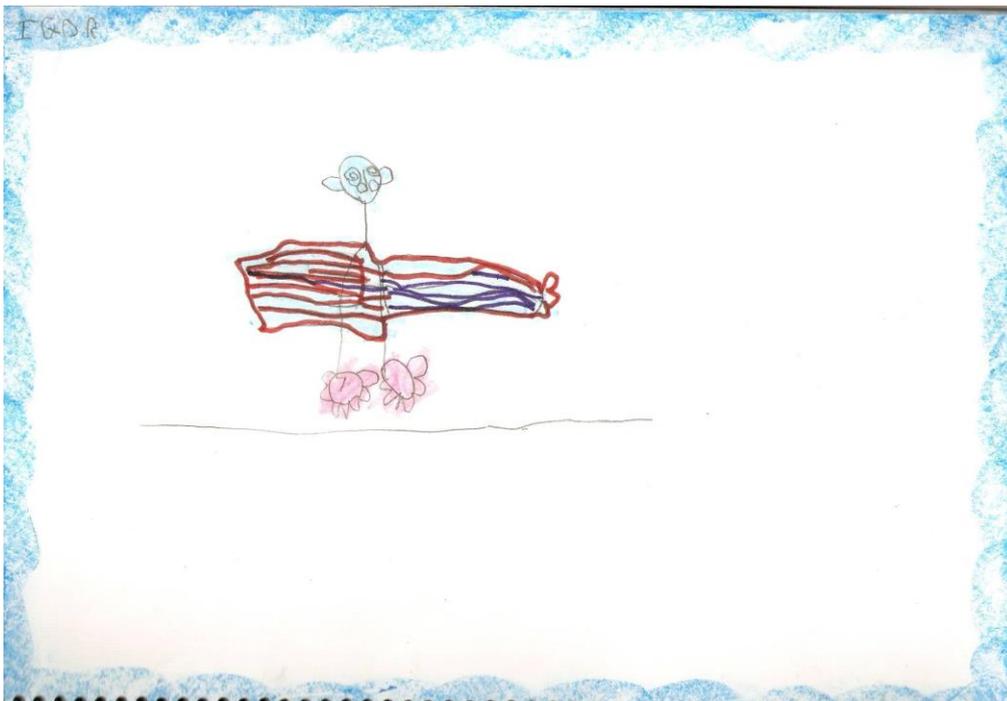


FIG. 45 - Igor



FIG. 46 - Ana Luiza

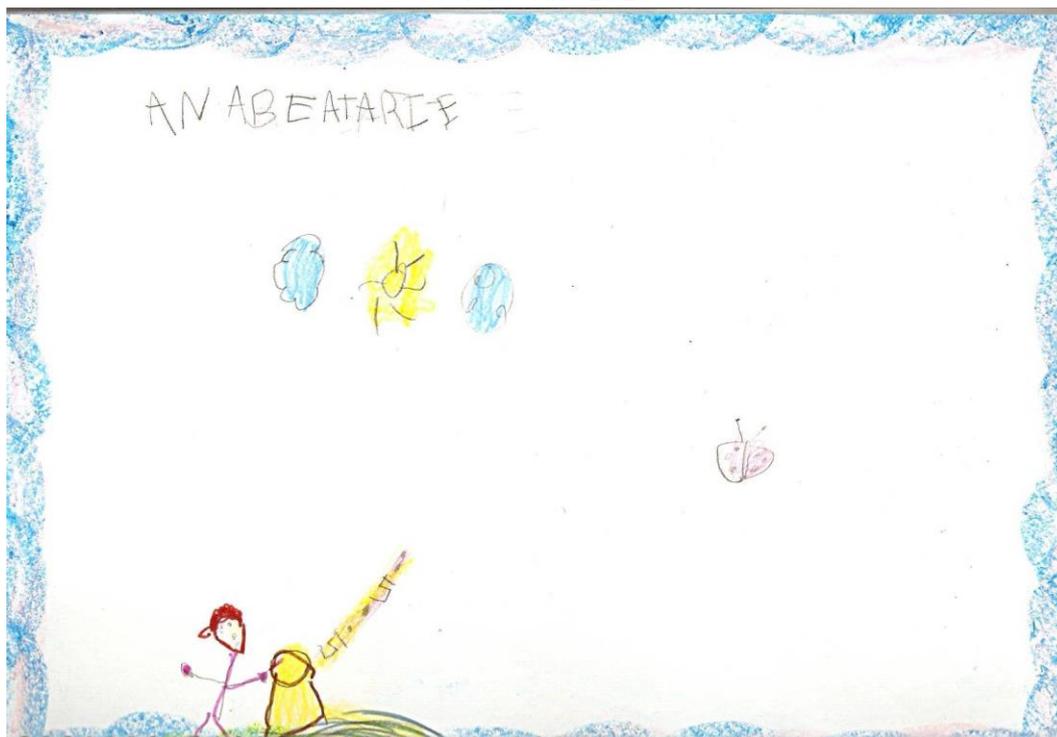


FIG. 47 - Ana Beatriz

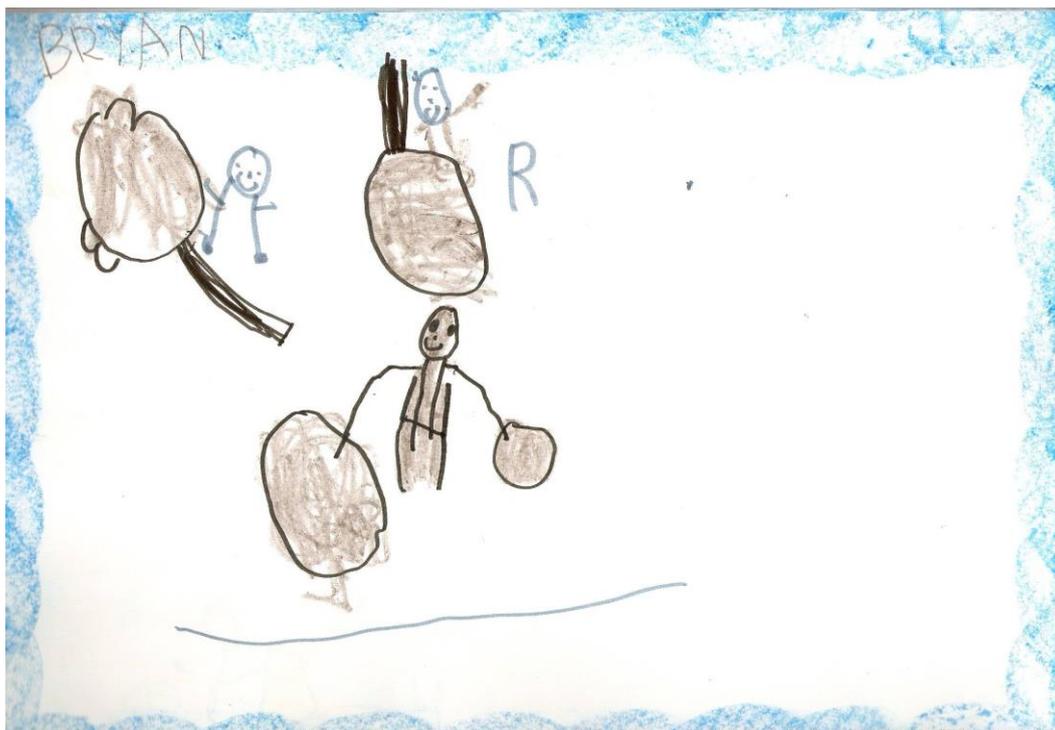


FIG. 48 - Bryan



FIG. 49 - Letícia



FIG. 50 - Hugo



FIG. 51 - Marcos Paulo



FIG. 52 - Emmanuel

